A NOVA MAGIA*

Luiz Francisco Dias

Talvez a concepção mais justa que possamos formular da escritora Lygia Bojunga seja a de uma mágica. Mas não a de uma mágica estereotipada, e nisso está a sua grandeza como criadora de histórias para criança, e, mais do que isso, como produtora de boa literatura. Ao invés da magia que nasce e morre entre uma velha cartola e um coelho, ela pratica uma outra magia, que transcende o espaço situado entre o olhar e o movimento das mãos. É uma magia que se situa no espaço entre os signos e um conjunto de valores humanos: valores do homem mesmo, não os da criança na perspectiva do adulto, mas os da **criança homem**, que brinca com os símbolos, enquanto brinquedo (dado que é criança), mas também enquanto signo (dado que é homem).

Em ***A Bolsa Amarela***, Lygia Bojunga capta a fala da criança em sua plenitude. A palavra adquire "vigor" e traduz uma explosiva abertura para a viagem reflexiva no mundo mágico vivido por Raquel, a protagonista da história.

Apresentada como uma criança em desacordo com o mundo, Raquel demonstra uma necessidade de resolver certos conflitos pessoais: a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança, a vontade de ter nascido garoto em vez de menina e a vontade de escrever.

Oprimida pela família, ela, solitária, escreve a amigos imaginários, revelando a eles suas inquietações. Tentando suprir a vontade de escrever, ensaia em casa um pequeno romance. E na escola, empolgada com o tema de uma redação, tenta inventar uma história. Na primeira tentativa foi desestimulada pelas pessoas da família, e na segunda foi castrada pelas normas escolares que limitam o tempo destinado à composição.

Em cada uma dessas atitudes, Raquel promove um questionamento do seu contexto familiar, de forma direta nas cartas aos amigos imaginários e indiretamente no pequeno romance, procurando laços de comunhão entre ela e os personagens do mundo imaginário.

Mas as três vontades (de crescer rapidamente, de ter nascido garoto e de escrever) ficam cada vez maiores e, para ela, pareciam insuportáveis, na medida em que tornavam-se motivos para zombaria. A solução veio a ser uma grande bolsa amarela que lhe restou como presente da tia. Dentro dela, Raquel "depositaria" todas as suas vontades.

Vimos que, à sua maneira, Raquel resiste ao mundo à sua volta recorrendo ao universo da ficção, buscando no imaginário alternativas de ação,

---

* O presente texto foi escrito em 1984, quando eu cursava o último período do Curso de Letras, em Viçosa (MG). Agora, após alguns anos, resolvi submetê-lo à apreciação do Prof. Hélder Pinheiro. Sou-lhe grato pela leitura do texto e pela decisão de inclui-lo neste periódico. Fico feliz se a leitura deste trabalho puder ser proveitosa de alguma forma; que pelo menos ela possa chamar a atenção para a necessidade de conhecermos a obra de Lygia Bojunga Nunes e de outros bons autores da literatura infanto-juvenil.

num mundo em que pudesse ter a liberdade que não desfrutava nem na sua casa e nem na escola.

As respostas não tardaram. Gradativamente, todo um mundo fascinante de magia se desabrocha diante de si, um mundo cujos habitantes vivem com ela aventuras as mais diversas e experimentam novas formas de vida. Mas tudo isso não se fecha em si. Seus personagens sustentam uma simbologia que vai fornecer a Raquel os meios para que ela entenda o seu próprio mundo.

Um desses personagens é o galo Afonso, que foi inventado por Raquel no romance inacabado. Ele foge do galinheiro insatisfeito com a sua condição de rei. Chegando numa noite, ele se aloja na bolsa amarela e passa a repartir com a menina os momentos de descoberta do novo mundo.
Para conhecer o personagem, observemos esse diálogo:

> [Raquel] *"Não. O meu romance acabava no dia que você fugia. Foi até aí que eu inventei você.*
>
> [Afonso] *Pois é. Mas aí eu fiquei inventado e tive que resolver o que é que eu ia fazer da minha vida. Pensei pra burro. Acabei resolvendo que ia lutar pelas minhas idéias.*
>
> [Raquel] *Achei aquilo tão bacana! Na escola, quando a gente lê a vida de Tiradentes e desse pessoal importante, vem sempre essa frase junto: homens que lutaram por suas idéias"* (p. 35).

Agindo assim, Afonso renunciara ao seu papel, aquele determinado pela convenção: "o galo é o rei do galinheiro". E passa a partir de então a defender o direito de livre escolha. Ele simboliza a luta pela liberdade.

Do mesmo galinheiro surge outro personagem: o Terrível. Era parente do Afonso, que, após uma longa separação, reencontra-o, quando retornava da escola com Raquel. É o próprio Afonso quem nos apresenta o personagem:

> *" Era o terrível. Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha. Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E aí começaram a treinar o Terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha de ganhar de todo mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: 'Eu tenho que ganhar de todo mundo', e mais nada."* (p. 53)

Vimos por esse trecho que o Terrível foi objeto de um condicionamento que usurpou-lhe a liberdade de ser sujeito de si mesmo. Ele será o símbolo da opressão.

Por outro lado, a guarda-chuva, outro personagem, exercerá o papel oposto ao do Terrível. Seu surgimento deveu-se a Afonso, que a encontrou quando deixou a bolsa por instantes 'à procura de idéias'. Raquel é presenteada

por Afonso, mas o que a deixou surpresa não foi o ato do amigo galo: foi o presente em si, o mesmo que ela descreveu na redação "O Presente que Queria Ganhar", que entregara incompleta à professora.

O principal traço desse personagem é o seu comportamento "libertino". Quando foi feita, teve a liberdade de escolher o seu tamanho e a sua forma. Mais tarde descobriu toda a pontencialidade de um objeto sofisticado:

> *"... Ela curtiu porque viu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra: ela podia muito bem ser grande, e ela podia muito bem continuar brincando. E aí ela achou que a melhor brincadeira do mundo era toda hora passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena tla!!! estalou, enguiçou, não passou pra mais nada"* (p. 50)

Essa recusa na aceitação de um modo de ser definitivo e padronizado é simbolizada no livro seja pela linguagem do personagem guarda-chuva, uma linguagem rebelde aos padrões vocálicos e silábicos da língua: "*...zzztctctctctctc***...*", seja pelo próprio nome do personagem: escrito em minúscula e determinado pelo artigo "**a**", sendo um nome masculino.

Ela simboliza então o livre exercício da liberdade.

Outro importante personagem é o Alfinete de Fralda. Ele foi encontrado por Raquel caído na rua, e logo foi "riscando" na sua mão um pedido:

> *"Me guarda? Já não agüento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: 'pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo'; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim..."* (p. 43)

Aceito o pedido, o Alfinete passa a morar na bolsa amarela, exercendo um controle das vontades de Raquel, quando crescem demais. Essa função de moderador é reveladora quando, em casa de sua tia, Raquel, para se vingar dos insultos da família, sentiu vontade de crescer e de ser um homem. Nesse momento, a bolsa, onde se encontrava as suas vontades, inchou ao extremo, mas foi salva por um pequeno furo do Alfinete.

Após fixar moradia na bolsa, ele deverá atuar como moderador e ativador da consciência e nisto reside toda a sua simbologia.

Frente a isso, Raquel se vê envolvida por uma rede de situações que exigem dela uma intensa atividade reflexiva. Era necessário escrever uma história na qual o Terrível recuperasse a sua liberdade. Além disso, a guarda-chuva estava quebrada e necessitava de um conserto imediato.

Isso levou Raquel a conhecer e mesmo sentir imaginariamente os conflitos vividos em casa sob diferentes pontos de vista, percebendo suas

implicações em cada personagem. Assim deve ser entendido o capítulo "Comecei a pensar diferente". Vamos a um trecho dele:

> *"Enquanto eu escrevia a 'história de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte', a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de idéia: resolvi que eu queria escrever qualquer coisa, eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela."* (p. 93)

Diremos então que Raquel passa por um processo de aprendizagem que será completada com a visita à "Casa dos Consertos", onde ela entra em contato com Lorelai, uma de suas confidentes secretas, apresentada de forma breve já no início do livro.

A "Casa dos Consertos" é uma oficina onde moram e trabalham a Lorelai, seus pais e o avô. Indagada sobre o tipo de vida que levavam, ela respondeu:

> *"...todo dia tem hora de resolver coisa. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; ou estudar mais do que brincar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor.* (p. 100)

Essa é a família que busca a convergência de opiniões, animada por princípios que respeitam os direitos e deveres de cada membro, até mesmo os de uma criança, como a Lorelai, para surpresa de Raquel:

> *"- Você também pode achar?*
> *-Claro! eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo mundo acha igual.*
> *- Mas pode?*
> *- Por que é que não pode?*
> *Aí o relógio bateu outra vez. O pai ficou ainda mais animado e gritou:*
> *- Almoço! A comida tá pronta. - Abriu o forno, tirou o bolo, perguntou se eu queria comer com eles, eu aceitei correndo."* (p. 100)

Finalmente, Raquel, na busca de alguém para consertar a guarda-chuva, encontra na Casa dos Consertos o equilíbrio familiar, símbolo da sociedade "pluri-vivente".

Raquel percebe que essa família aprendeu a viver em família e com liberdade, ao mesmo tempo. Não teriam lugar ali nem o livre exercício da liberdade, simbolizado pela guarda-chuva, nem a absoluta falta de liberdade, representada pelo Terrível.

Assim, após o êxito na libertação do Terrível e o conserto da guarda-chuva, Raquel foi gradativamente se "descobrindo":

> *"Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal já não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia ser tão legal quanto ser garoto." (p. 109)*

Finalmente, Afonso consegue realizar seu sonho. Associado à guarda-chuva os dois personagens ganham os céus: o primeiro lutará pela liberdade, para que ninguém tenha os seus pensamentos "amarrados"; a segunda, eterna mutante, provará o desejo de ser pára-quedas.

Antes de partir, Raquel e Afonso resolvem soltar pipas na praia:

> *"*[Raquel] *- São duas pipas, você solta uma e eu outra. Aí a gente vê qual que sobe mais. - Preparei dois rolos de linha. - Pronto!*
> [Afonso] *- Pronto o que? Cadê as pipas?*
> *Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.*
> *- Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha.*
> *O Afonso ficou no maior espanto:*
> *- Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?*
> *- Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: 'claro, ué'.*
> *- E a tua vontade de escrever?*
> *- Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar*
> *(...)*
> *O tempo piorou; o céu foi ficando cheio de nuvem escura.*
> *Toca a dar linha [na pipa], toca a dar linha, minhas vontades já estavam tão longe! A gente ficou olhando para elas. Nem viu a linha chegar no fim e ir embora também.*
> *O vento soprou mais forte. As pipas abanaram o rabo e sumiram atrás das nuvens. Ficamos esperando um tempão. Mas elas não apareceram mais."* (p. 113-4)

Enfim, o livro ***A Bolsa Amarela*** não deve ser colocado nas mesmas fileiras em que se encontram muitos dos livros infantis: ao contrário do que pode parecer, ele está acima da discussão sobre lições morais nos livros infantis; essa dicussão é suplantada pelos seus valores literários. Além disso, ele explora idéias que costumam aparecer como chavões: acionar a criatividade da criança é abrir espaço para que ela produza seus próprios meios de entender o mundo. Pode-se dizer, no entanto, que aquilo que se chama de chavão está muito associado à repetição de uma mesma forma, de um mesmo padrão na formulação de um conceito. E aí está o valor literário dessa obra: essas idéias no

livro adquirem uma densidade que foge aos padrões do chavão. Raquel, uma personagem espessa, aprende não através da relação clássica entre a pergunta e a resposta. Observe a fala de Raquel: "fiquei pensando uma pergunta" (p. 39). Esse é um dos momentos em que o chavão se dilui, e a literatura emerge, como uma nova magia.

Referência Bibliográfica

NUNES, Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela*. 9. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1983.